

**REJANE MARTINS COSTA**



**O DESENHO NA ESCOLA MUNICIPAL DE JURUBEBA DO 3º ANO DE  
ESCOLARIDADE**

**ITABIRA**

**2013**

Costa, Rejane Martins, 1981.

O desenho na escola municipal de Jurubeba do 3º ano de escolaridade: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Rejane Martins Costa. – 2013.

40 f.

Orientador(a): Kleumanery de Melo Barbosa

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Barbosa, Kleumanery de Melo II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

**REJANE MARTINS COSTA**



**O DESENHO NA ESCOLA MUNICIPAL DE JURUBEBA DO 3º ANO DE  
ESCOLARIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Kleumanery de Melo Barbosa.

**ITABIRA**

**2013**

**REJANE MARTINS COSTA**

**O DESENHO NA ESCOLA MUNICIPAL DE JURUBEBA DO 3º ANO DE  
ESCOLARIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

---

Orientadora: Profa. Kleumanery de Melo Barbosa EBA/UFMG

---

Profa. Conceição Linda de França

**ITABIRA**

**2013**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, aos meus pais pelo apoio.

As amigas Vênus Fonseca, Janucy Araújo e Lidiane Costa pelo incentivo e colaboração.

A Prof. Kleumanery de Melo Barbosa pela orientação e dedicação neste trabalho.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como tema o uso do desenho pela Escola Municipal de Jurubeba, localizada na zona rural do município de São Gonçalo do Rio Abaixo/MG, no 3º ano de escolaridade, composta por 7 (sete) alunos. Este estudo visou refletir sobre as contribuições do desenho tanto para o desenvolvimento gráfico, quanto para a totalidade da aprendizagem da criança. Objetivou-se analisar o ensino do desenho como forma de comunicação e expressão humana, e como conteúdo a ser ministrado nas escolas com boas propostas ao desenvolvimento dessa linguagem. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como IAVELBERG (2008), CELESTE (1998), PILLAR (2012), dentre outros, além de pesquisa de campo observatória em uma instituição de ensino, acerca do desenvolvimento da linguagem por meio do desenho. Concluiu-se que apesar de todas as mudanças que ocorreram no ensino da arte, envolvendo todo um processo histórico e político, corroborado pela LDBN (Lei n. 9.394/96), pelo Parâmetro Curricular Nacional (PCN), e baseando-se na Abordagem Triangular de Ana Mãe Barbosa, pode-se verificar a necessidade em discutir e investigar a realidade de se fazer arte na escola o ensino do desenho nas séries iniciais, que pode auxiliar no processo de comunicação dos alunos.

**Palavras-chave:** Desenho. Ensino. Docente.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| FIGURA 1: Reprodução de uma pintura da gruta de Lascaux .....                | 10 |
| FIGURA 2: Garatuja – aluna, 2 anos e 5 meses .....                           | 19 |
| FIGURA 3: Pré esquema – aluno, 4 anos .....                                  | 20 |
| FIGURA 4: Esquema – aluna, 8 anos e 8 meses.....                             | 20 |
| FIGURA 5: Realismo visual – aluno, 11 anos .....                             | 21 |
| FIGURA 6: Vista do Cruzeiro com a Igreja Matriz de São Gonçalo ao fundo..... | 40 |
| FIGURA 7: Vista da Fazenda .....   | 41 |
| FIGURA 8: Estação Ecológica de PETI .....                                    | 42 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>7</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 BREVES LEVANTAMENTOS SOBRE O ENSINO DA ARTE .....</b>                                | <b>9</b>  |
| <b>1.1 A Importância do Desenho na História da Humanidade.....</b>                                 | <b>9</b>  |
| <b>1.2 A Evolução Histórica do Ensino da Arte no Brasil .....</b>                                  | <b>12</b> |
| <b>1.3 O Ensino do desenho no Brasil .....</b>   | <b>16</b> |
| <b>1.4 A evolução do desenho da criança .....</b>  | <b>18</b> |
| <b>CAPÍTULO 2 O FAZER ARTÍSTICO NA ESCOLA MUNICIPAL DE JURUBEBA ..</b>                             | <b>23</b> |
| <b>2.1 Históricos da Escola Municipal de Jurubeba .....</b>  | <b>23</b> |
| <b>2.2 O Ensino da Arte na Instituição .....</b>   | <b>24</b> |
| <b>CAPÍTULO 3 O ENSINO DO DESENHO NA ESCOLA .....</b>  | <b>30</b> |
| <b>3.1 O desenho como objeto de ensino.....</b>  | <b>30</b> |
| <b>3.2 Motivando as crianças a desenhar na escola – boas propostas de<br/>    atividades .....</b> | <b>33</b> |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>   | <b>36</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>39</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>  | <b>40</b> |



## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por tema a análise do uso do desenho pela Escola Municipal de Jurubeba, localizada na zona rural do município de São Gonçalo do Rio Abaixo/MG, no 3º ano de escolaridade, composta por 7 (sete) alunos.

Acerca do conceito de desenho, pode-se afirmar por meio das considerações de IAVELBERG (2008) e GOUTHIER (2009), de que o mesmo é uma linguagem tão antiga e permanente, que se configura em artes visuais numa representação formal-visual, ou seja, a pessoa imagina uma situação e a registra em algum lugar, no desejo de difundir um pensamento, que se ajusta de forma a surgirem pontos, linhas e formas planas refletindo uma imagem.

No ensino de arte, o desenho é uma atividade que contribui tanto pelo aspecto da comunicação quanto pela propagação do o fazer artístico.

Uma vez que o desenho é uma forma de expressar os sentimentos, é que se vislumbra sua importância no ensino da arte visual, justamente para desenvolvimento do hábito de observação, para se reavivar a pureza da imaginação, o dom da criação, o gosto pela precisão e o uso de meios para a tradução de ideias.

Ao se retomar os períodos históricos, se pode analisar que alguns fatos forma significativos. Um dos marcos foi o início do século XX, por exemplo, em que havia uma grande preocupação com o ensino da Arte, que compendia o ensino do Desenho. Entretanto, o desenho era ensinado para preparação do trabalho, na qualificação para produções, como linguagem técnica e da ciência, dentre outras formas.

Diante deste período histórico, é que se questiona a concepção dos educadores em ensinar o desenho na atualidade do século XXI.

Assim, pretende-se com esse trabalho, compreender por intermédio de autores que analisaram essa linguagem, e por meio da observação de campo, a importância e os

benefícios que se pode auferir com o ensino do desenho na escola, cujo foco é a Escola Municipal de Jurubeba.

Teve-se por objetivo pesquisar o ensino do desenho nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, para que se tome conhecimento do processo de desenvolvimento do desenho da criança e como é considerado na prática atual da escola.

Com a investigação do ensino do desenho na escola, é possível compreender as suas contribuições tanto para o desenvolvimento gráfico quanto para a totalidade da aprendizagem da criança, ou seja, como o fazer artístico contribui para a aprendizagem em outras áreas.

A metodologia utilizada foi à bibliográfica e a observação de campo. O referencial teórico foi elaborado por meio de coletas de informações, conceitos e dados em livros, que proporcionaram as comprovações teóricas e embasamentos históricos. Realizou-se também a investigação observatória em uma instituição de ensino, que propiciou uma visão real da utilização do desenho como forma de expressão artística e de linguagem.

O referencial teórico foi desenvolvido em três capítulos, sendo que no primeiro tratou-se de um levantamento acerca da importância da Arte na Antiguidade. No segundo dissertou-se sobre a importância do Desenho na história da Escola Municipal de Jurubeba no município de São Gonçalo do Rio Abaixo. Enquanto no último foi evidenciado o que a escola deve ensinar dessa linguagem, o desenho.

## **CAPÍTULO 1 BREVES LEVANTAMENTOS SOBRE O ENSINO DA ARTE**

Neste capítulo foi evidenciado um levantamento acerca da importância da Arte na Antiguidade, bem como sua inserção como disciplina curricular no Brasil, com marco ensino da arte acerca da nova concepção da Lei n. 9394/96 que favoreceu ao rompimento da escola tradicional e propiciou novas propostas.

Em meio a tais propostas e do reconhecimento da Arte como área de conhecimento, na década de 80 no Brasil, a professora Ana Mae Barbosa, pioneira em arte-educação colaborou na sistematização do ensino da Arte com a construção da Abordagem Triangular que se apoia em três pilares: o fazer artístico, a história da Arte e a leitura da obra de arte.

### **1.1 A Importância do Desenho na História da Humanidade**

Neste subtópico foi realizado um levantamento acerca da importância do Desenho na história desde seu surgimento na pré-história até a contemporaneidade. Tais ocorrências passaram por mudanças desde a forma de expressão da época até aos meios e suportes que contribuíram na evolução do Desenho enquanto Arte e sua aplicabilidade na vida cotidiana da antiguidade e da sociedade contemporânea. Abordou-se também como o ensino do desenho no Brasil foi alterado em conformidade as pesquisas de estudiosos de cada período com propostas renovadoras de metodologias.

Utilizando-se dos artigos de FARIA (2012) e IAVELBERG (2008) se dissertou sobre a importância do desenho na história da humanidade como forma de expressão desde a pré-história. Evidenciou-se também como ocorreu a evolução da Arte, bem como do material utilizado na realização dos desenhos, que contribui no ganho de um espaço mercadológico na sociedade contemporânea.

O Desenho é uma forma de linguagem que atravessou tempos históricos, tendo seu marco na trajetória da própria humanidade, que ao longo dos tempos confirmou sua evolução enquanto Arte, bem como sua importância na sociedade contemporânea.

O homem pré-histórico com vistas a se comunicar utilizava-se de pinturas rupestres diversas em que as imagens tinham a finalidade de expor pensamentos, sentimentos e fatos ocorridos como forma de linguagem da época.

Neste período, também denominado paleolítico ou período da Idade da Pedra Lascada, o desenho advindo do uso de objetos de pedra, cujas inscrições eram realizadas nas paredes e tetos das cavernas, em que havia representações de animais em repouso e movimento pela técnica e realismo. Realizavam-se também desenhos com incisão de ossos e pedra.

Em cada época vivida desse período, o homem usava os dedos, objetos e utensílios elementares de caçadores e os aperfeiçoava conforme sua necessidade, surgindo assim às primeiras manifestações artísticas, com imagens de cenas de caças.



FIGURA 1: Reprodução de uma pintura da gruta de Lascaux  
Fonte: BATTISTONI FILHO, 1989, p.17.

Tal forma de expressão permeou por todo o período histórico, ultrapassando por diversas civilizações, dentre elas a egípcia, a grega e a mesopotâmica. No Egito o desenho foi utilizado na decoração de tumbas e templos, tendo valor considerável e significações de status, o que estabeleceu o desenho como forma de relevância social.

Na civilização grega o uso do desenho era na representação dos deuses e como forma de divulgar graficamente a religiosidade do povo e de seus governantes.

Enquanto na Mesopotâmia, o desenho foi pioneiro na cartografia, tendo sido empregado nas representações da terra e rotas de viagens. Porém, foi no Império

Romano que a cartografia se destacou por uma questão político mercadológica pelo seu uso nas rotas comerciais como também no domínio do Império.

Nota-se, portanto, que há um histórico relacionado aos meios e suportes utilizados na Arte da antiguidade, já que o desenho foi bastante utilizado como base para outras artes, como também uma forma de linguagem que favoreceu diversos profissionais como pintores, arquitetos e escultores que precisavam do uso do desenho para visualização anterior dos seus trabalhos. Também foi utilizado nas escolas da época como forma de treinar habilidades como intuits comerciais.

Compreende-se também que a evolução do desenho enquanto Arte e seu papel na vida cotidiana acerca de algumas civilizações. Assim como ele foi benéfico ao uso representativo, com o passar do tempo o material usado na reprodução ganhou progressão conforme as inovações tecnológicas e as descobertas científicas. A pedra, os ossos, os blocos de barro ou argila, troncos de árvores, entre outros foram substituídos pela invenção do papel, caneta esferográfica até a arte gráfica produzida diretamente no computador.

Como revela IAVELBERG (2008),

Temos por um lado, os meios com os quais se desenha – lápis, pincel, carvão, pastel, crayon, grafite, caneta, etc. – e, por outro, os suportes nos quais se desenha – papéis, paredes, areia, pedras, plásticos, tela de computador, entre outros. Temos ainda instrumentos como borrachas, mouses, escalas, réguas, esquadros, transferidores, compassos, que podem servir ao desenho artístico. (IAVELBERG, 2008, p. 65).

Viu-se que o homem a todo tempo necessita criar novas ideias, se apropriando de sua capacidade de reprodução a fim de alcançar novos conceitos, novas técnicas e novas possibilidades, permitindo sua própria evolução e desenvolvimento. Novas modalidades de desenho surgiram como os *cartoons*, desenhos técnicos, desenho artístico, mangás, grafite e muitos outros que são cada vez mais interessantes e evoluídos.

Desse modo, percebeu-se que o desenho ganhou novos espaços em decorrência aos avanços tecnológicos. O homem pode se expressar de diversos modos em

conformidade à necessidade e sua evolução. Encontrou-se novos meios para demonstrar emoções, pensamentos e descobertas, além de possibilitar escolhas, permanências e aprofundamentos em torno da liberdade de expressão no poder da criação.

## **1.2 A Evolução Histórica do Ensino da Arte no Brasil**

Há várias idas e vindas na história do Ensino de Arte no Brasil, começando pelos jesuítas no período colonial que se utilizavam do ensino de arte na intenção de disseminar a fé dos princípios da Igreja Católica, desconsiderando uma cultura já existente e colocando em questão os seus interesses no ensino da arte.

Somente em 1759 é que ocorreu a expulsão do sistema de ensino dos jesuítas pelo primeiro ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal. Com a chegada de Dom João VI ao Brasil e, em seguida, a missão francesa, ocorreu a substituição do Barroco Brasileiro pelo Neoclassicismo.

Em março de 1816, o francês Joachim Lebreton chega ao Rio de Janeiro, liderando um grupo de artistas e artífices franceses para criar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, voltada para o ensino de ofícios artísticos e mecânicos. O ensino acontecia numa instituição que passou a ser chamada de Academia Imperial de Belas Artes, com conteúdos pautados na formação artística.

No ano de 1855, tal academia passou a ser dirigida por Araújo Porto Alegre que sugeriu uma reforma no propósito de formação de artesãos e artistas. Entretanto, tal reforma não teve êxito.

No século XIX o desenho era vislumbrado por meio de duas escolas doutrinárias, a tradicional e a moderna. Na escola tradicional a criança realizava o desenho por meio da repetição de exercícios, de treino de habilidades. Enquanto na escola moderna o desenho poderia ser realizado livremente, como atividade expressiva e natural da infância, sem que a necessidade de orientação.

Enquanto o início do século XX a preocupação com o ensino da Arte se resumia ao ensino do desenho, passando a ser obrigatória nas escolas. Mas em meados do mesmo período, a criança passou a conquistar seu lugar como sujeito, já que seu desenho primou-se pela liberdade de expressão.

A partir de 1920, a educação brasileira sofreu várias reformas com vistas a renovar o currículo, modernizar os métodos, as estratégias de ensino, a avaliação, a democratização da sala de aula e a relação professor-aluno.

Ainda na década em comento, a Arte foi reconhecida e pautada no foco que o Movimento da Escola Nova havia acentuado. Contudo, ainda não era considerado um conteúdo próprio do currículo educacional.

Em 1930, as escolas especializadas em Arte para crianças e adolescentes ganharam destaque no Brasil. No entanto, o ensino da Arte ficou dividido em dois pólos. No primeiro houve a valorização do desenho como técnica, enquanto no segundo voltavam-se ações praticadas de maneira natural, sem determinação de elaborações prévias.

Nos anos compreendidos entre 1937 a 1945, o país passou por um período ditatorial e com isso, o ensino da Arte-educação ficou comprometido pela ausência de interesses no que persistia ao desenvolvimento de uma ação renovadora quanto ao ensino desta disciplina.

Após o período ditatorial, o ensino da Arte começou a ganhar um novo rumo pautado na livre-expressão, o que propiciou a conquista de espaços extraescolares. Iniciaram-se também no país as Escolinhas de Arte e cursos de formação de professores.

Já na década de 1950, o país atravessou novas mudanças, agora de ordem industrial sob a influência americana, em que o interesse primava-se pela especialização de professores e supervisores a fim de torná-los aptos na elaboração e funcionamento dos currículos educacionais de forma a adaptá-los os contextos

socioeconômicos e políticos do país. Com isso, ocorreu a descontextualização do currículo, pelo fato de ter sido tratado como um conjunto de técnicas científicas.

No período de 1958 a 1963, a Arte e Cultura estavam em destaque devido aos acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais no contexto brasileiro. Entretanto, as discussões em torno da Arte eram promissoras, mas não permaneceram em razão do Golpe de Estado de 1964.

Em tal período, o aluno poderia se expressar, contudo, de forma restrita, já que não podia abordar questões tidas como proibidas, ou seja, tais como críticas ao governo, sob pena de censura. Com o Golpe do Estado este panorama da arte tradicional alterou-se para o tradicional novo, além da adoção de outras metodologias, dentre elas a tradicional, a nova, a tecnicista e a histórico-crítica, cada qual com uma metodologia.

A tradicional foi uma metodologia introduzida pelos jesuítas no período colonial numa forma de modelos de aprendizagens, na qual o professor era o detentor do saber, que transmitia conhecimentos, sendo o aluno mero reproduzidor, sem permissão da livre expressão do fazer artístico.

A metodologia da escola nova, de origem europeia e norte-americana surgiu no século XX com propostas renovadas, que oferecia ao aluno a liberdade de criar e expressar-se de forma prazerosa. O professor nesse momento passou a atuar como mediador, oferecendo ao aluno oportunidade de participar da construção de seu conhecimento. Intelectuais envolvidos nessa reforma de metodologia pode-se citar Anísio Teixeira, Fernando Azevedo e Lourenço Filho.

Essa metodologia também possibilitou a criação da Escolinha de Arte, em 1948 no Rio de Janeiro que depois expandiu para outros centros do Brasil que perdurou até 1960. Também na década de 1940, o projeto Villa-Lobos se destacou por considerar que a música contribuiria na educação das crianças do Brasil, além de favorecer o nacionalismo, civismo, disciplina e vida em sociedade.



A tendência tecnicista marcou a década de 1970, surgida nos Estados Unidos depois da segunda Guerra Mundial, com o objetivo de profissionalização, traduzindo o ensino de arte apenas no ensino de técnicas sem estimular à criança a reflexão sobre o que criava.

Nesse período instituiu-se a Lei n. 5.692/71, com caráter tecnicista, tendo sido o ensino de arte obrigatório no Ensino fundamental pautado na polivalência e sem foco no conhecimento, reunindo numa só disciplina a Educação Artística e as atividades de artes plásticas, música, teatro e dança.

Em 1973, surgiram os cursos superiores de Licenciatura Curta (2 anos) e Plena (4 anos) em Educação Artística no intuito de preparar professores polivalentes em decorrência da demanda criada.

A metodologia histórico-crítica se destacou depois da volta à democracia, já que existiam pensadores como Paulo Freire que adotava essa tendência, mas depois de 1985, essa metodologia se expandiu e espalhou para os diversos centros do Brasil. Tal metodologia se baseia em propostas que estimulavam a criança a desenvolver capacidades de criticidade no contexto inserido, tanto naturalmente como socialmente o que contribuía em vivências de manifestações artísticas.

Em meio a essas mudanças e do reconhecimento da Arte como área de conhecimento, na década de 80 no Brasil, a professora do departamento de Artes Plásticas da ECA/USP, Dra. Ana Mae Barbosa, pioneira em arte-educação contribuiu na sistematização do ensino da Arte com a construção da Abordagem Triangular que se apoia em três pilares: o fazer artístico, a história da Arte e a leitura da obra de arte. Com isso, acreditava-se que somente seria possível conhecer e intervir sobre as realidades pessoais e sociais de forma crítica, por meio do Estudo da História da Arte e seu ensino.

Contudo, a escola atual, infelizmente em sua maioria, não trabalha com profissionais do ensino de artes que tenham conhecimentos da História da Arte, o que dificulta o desenvolvimento de muitas habilidades dos alunos.

A partir da nova concepção da Lei n. 9394/96, novas reformas favoreceram o rompimento com a escola tradicional e trouxeram novas propostas, preocupadas com a modernização, focadas no repensar dos currículos, nos métodos, nos processos de avaliação, que fez com que os educadores repensassem acerca das metodologias utilizados na educação, o que coube a cada docente reconstruí-las em sala de aula, como reforçado pela Profa. Dra. Ana Mae Barbosa.

Após o Brasil ter cruzado um período de autoritarismo, lançou-se um novo olhar sobre a Arte-educação que começou a ser tratada com mais interesse em prol de mudanças que possibilitaram ao cidadão o acesso à educação pública de qualidade, gratuita e universal.

Nesse novo contexto foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases Nacional em 20 de dezembro de 1996, que extinguiu a Educação Artística e estabeleceu a disciplina de Arte como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica reconhecendo- a oficialmente como área de conhecimento.

Todos esses fatos históricos favorecem a compreensão das passagens pelas quais a educação tem sofrido com a sua diversidade de conceitos e propostas. O que se pode perceber é que o contexto social, cultural e a época são fatores determinantes nas transformações ocorridas, sobretudo no ensino de Arte Visual que se perpetuou por meio do desenho.

Por meio destes recortes históricos do ensino das Artes desde a pedagogia evangelizadora dos jesuítas, até as ideias artísticas e Leis promulgadas no século XX, tais como a Lei de Diretrizes e Bases Nacional, foram essências na transformação do ensino de Arte na sala de aula.

### **1.3 O Ensino do desenho no Brasil**

Em 1940, o arquiteto Lúcio Costa a pedido do ministro Capanema, escreveu um documento de reformulação do ensino do desenho no curso secundário as muitas modalidades do desenho. O mesmo destacou várias competências e habilidades

importantes, além da necessidade formativa dos professores afim de que o ensino do desenho tivesse êxito.

Entretanto, o programa modernizante de reformulação do ensino do desenho não influenciou as escolas brasileiras, que continuaram com a tendência da escola tradicional como destaca IAVELBERG (2008),

Do ponto de vista metodológico, a aula de desenho na escola tradicional é encaminhada através de exercícios, com reproduções de modelos propostos pelo professor, que seriam fixados pela repetição, buscando sempre o seu aprimoramento e destreza motora [...]. (FERRAZ; FUSARI, 1992, p. 25 *apud* IAVELBERG, 2008, p. 15).

Nesse sentido, entende-se que o ensino do desenho cumpriu o papel de treino de habilidade e aprendizagem por cópia de modelos, com ênfase no produto, orientados sempre pelo adulto sem considerar o percurso criador da criança.

Na segunda metade do século XIX e XX, autores e pesquisadores como LUQUET (1969), KELLOGG (1969), MÉRIDIEU (1979), entre outros, estudaram e valorizaram o desenho da criança. Nesse sentido, a teoria deles, abriu caminhos para tratar o desenho da criança como produção espontânea da infância e não como reprodução de modelos impostos.

Nisso, o ensino do desenho no Brasil remeteu-se ao da escola renovada, cuja metodologia estimulava a imaginação e a criatividade, com foco no processo, valorizando a livre expressão da criança.

Em meados do século XX, o desenho infantil assumiu um novo enfoque conforme análises e documentação de trabalhos de crianças que psicólogos, antropólogos, historiadores, teóricos da arte e educadores realizaram, “com vertentes que relacionavam a filogênese à ontogênese, operavam numa perspectiva genética, psicológica ou pedagógica; relacionavam desenhos de crianças aos dos povos primitivos”. (IAVELBERG, 2008, p. 23).

Em seguida, acerca do início da contemporaneidade, tais teorias saíram de cena em virtude de pesquisas interculturais e outras que consideravam a cultura como

influência nos desenhos infantis, assim como a simbologia própria entre desenhos de crianças de várias regiões e países.

Nesse momento conceitual que o ensino do desenho no Brasil inseriu a da escola contemporânea, o professor não impõe, ele organiza e orienta a criança a aprender a desenhar com marca pessoal, de forma cultivada, assimilando aos próprios esquemas desenhistas.

Portanto, na contemporaneidade, o desenho da criança se estrutura em fases de experiências de aprendizagem influenciadas pela cultura, dito como desenho cultivado que vai sistematizando de menos saber para mais saber desenhista conforme as oportunidades e formas de aprendizagem intermediadas na escola e fora dela com intervenções direcionadas.

#### **1.4 A evolução do desenho da criança**

A criança quando realiza suas marcas gráficas, repetindo-as muitas vezes, está em atitude de pesquisa, exercitando sua ação-pensamento em torno dos seus gestos, das suas tentativas, seus desenhos e dos movimentos rítmicos. Todos esses gestos contribuem para que a criação de condições estéticas que se manifestam em garatujas gráficas.

FERREIRA (2013) declara que,

é uma representação a lápis, a tinta etc., de objetos e figuras, de paisagens etc. Arte que permite efetuar essas representações: curso de desenho. Delineação dos contornos das figuras. Disposição, ordenação geral de um quadro. Plano de um edifício. Desenho animado, série de desenhos que, filmados, dão aparência de movimento. Desenho linear, ou geométrico, o que é feito com régua e compasso. Desenho à mão livre, o que se faz sem régua nem compasso. (FERREIRA, 2013, s./p.).

As representações gráficas vão se tornando cada vez mais complexas, através de combinações que partem da experimentação para criações mais intencionais e simbólicas que influenciarão toda a sua compreensão de mundo.

Segundo CELESTE (1998, p. 101), “a criança não é uma produtora de signos, de forma consciente. Mas, como está no mundo da cultura, em um mundo essencialmente simbólico, já é leitora de índices e imitadora de símbolos.”

As crianças improvisam num ir e vir, numa construção de símbolos de acordo com suas referências pessoais e culturais, de encontro com suas preferências e prioridades que enfatiza ou exclui acerca da sua evolução desenhista.

Em relação ao desenho da escola renovada, alguns autores como Vitor Lowenfeld e Rhoda Kellogg, partem do princípio da livre expressão da criança, sem a influência do adulto, desenhando o que vê nos objetos.

Autores como LUQUET (1969), Piaget, Marjorie Wilson dentre outros, já partem da teoria que a criança não desenha o que vê nos objetos, mas da sua interação com o desenho, construindo hipóteses e interpretando desenhos seus e dos outros.

LUQUET (1969), no entanto, fez um estudo longitudinal de sua filha Simone; também observou desenhos de crianças e descreveu estágios, caracterizou-os e ordenou-os em 4 fases: realismo fortuito , realismo fracassado, realismo intelectual e realismo visual.

No realismo fortuito, LUQUET (1969) descreve esse estágio como inicial do desenho. Para ele, a criança no seu primeiro momento desenha sem preocupar no que vai reproduzir, desejando apenas imitar o adulto, mas pouco a pouco passa do gesto involuntário ao premeditado no momento em que passa a considerar o desenho como representação dos objetos.

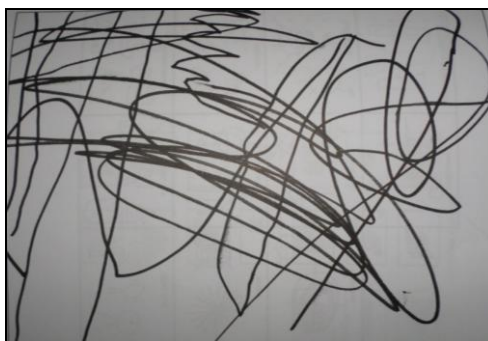


FIGURA 2: Garatuja – aluna, 2 anos e 5 meses  
Fonte: IAVELBERG, 2008, p. 59.

No realismo fracassado, LUQUET (1969) analisou as produções das crianças fazendo uma relação com a produção realista da arte adulta. Ele aponta que por mais que a criança compreende e percebe os detalhes, ainda encontra obstáculos, mas não consegue executar.

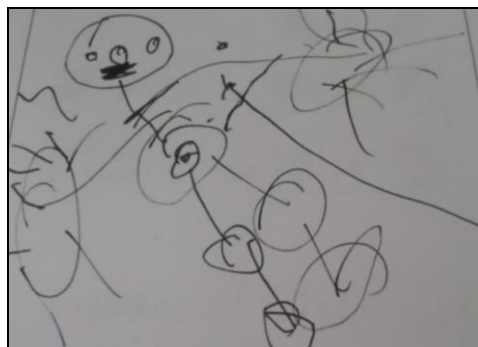


FIGURA 3: Pré esquema – aluno, 4 anos  
Fonte: IAVELBERG, 2008, p. 62.

No realismo intelectual, LUQUET (1969) considera que o desenho da criança passa a ser realista e com detalhes assemelhando aos objetos reais, reproduzindo tudo o que sabe sobre as coisas.

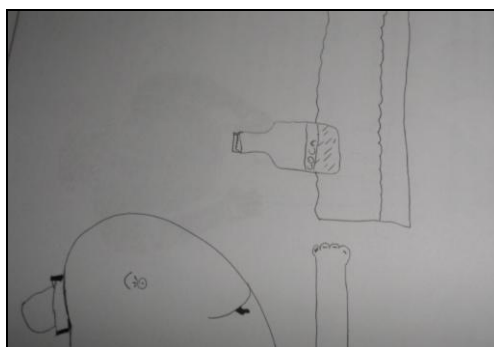


FIGURA 4: Esquema – aluna, 8 anos e 8 meses  
Fonte: IAVELBERG, 2008, p. 63.

Nessa última fase chamada de realismo visual, LUQUET (1969) a considera como a verdadeira síntese do desenho atingindo proximidade visual com a arte do adulto e somente a habilidade de cada um, estabelecerá a sua produção.

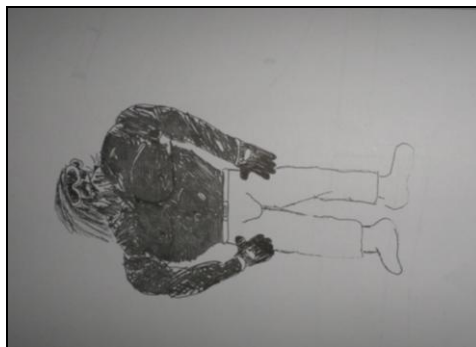


FIGURA 5: Realismo visual – aluno, 11 anos  
Fonte: IAVELBERG, 2008, p. 64.

No Brasil, muitos autores também estudam o desenho da criança, como MARTINS, DERDIK, IAVELBERG (2006), dentre outros. Esta última faz jus ao “desenho da criança como uma linguagem, um objeto simbólico e cultural; e ainda, o desenho que todos podem aprender a realizar com orientação didática adequada” (IAVELBERG, 2006, p. 11).

Para a autora em comento, o desenho da criança acontece e evolui acerca da relação que ela vai construindo e pela influência da cultura com intervenções do adulto nas produções do desenhista.

Antes de desenhar a criança precisa passar por ações e ideias que vai de encontro aos vários momentos que possibilita a produção de algo que pode ser visto e tido como desenho. Nisso, acontece às fases do desenho cultivado (Desenho de ação, Desenho de imaginação I, Desenho de imaginação II e apropriação).

Na fase do desenho de ação, se remete aos rabiscos em linhas ordenadas tanto angular como circular que a criança constrói no seu momento de exploração e investigação.

Na fase de desenho de imaginação I, a criança reproduz com significados simbólicos, mas aleatoriamente dando sequencia as suas aprendizagens, ora enumerando, ora nomeando de elementos do mundo real e imaginário.

Na fase de desenho de imaginação II, a criança já relaciona alguns símbolos do que já sabia e vai transformando-os por já está operando com um repertorio de

desenhos que adquiriu na sua prática e no diálogo com outros desenhos e desenhistas.

Na fase do desenho de apropriação, a criança reproduz acerca da apropriação das regras dos códigos de linguagem, sendo observadores, tendo o desejo de desenhar eficazmente, querendo dominar todas as maneiras de representação.

Portanto, a criança da escola contemporânea, percursora do seu processo criador, amplia seu universo com a inserção da cultura, experimentando e executando o que vê contribuindo para o seu desenvolvimento desenhista articulado a orientação didática adequada.



## **CAPÍTULO 2 O FAZER ARTÍSTICO NA ESCOLA MUNICIPAL DE JURUBEBA**

Neste capítulo foi realizado um levantamento sobre a importância do Desenho na história da Escola Municipal de Jurubeba, no município de São Gonçalo do Rio Abaixo. Antes do ano de 2008 a linguagem do desenho era uma atividade realizada sem planejamentos, portanto, sem objetivos definidos que colaboravam com o desenvolvimento artístico da criança apenas pautada na livre expressão. Após o ano de 2008 e em todos os anos de escolaridade, surgiram os planejamentos pautados na teoria de Rosa Lavelberg.

### **2.1 Históricos da Escola Municipal de Jurubeba**

A Escola Municipal de Jurubeba faz parte da Rede de Ensino do município de São Gonçalo do Rio Abaixo, Minas Gerais, localizada na Rua Principal da comunidade de Jurubeba s/n, São Gonçalo do Rio Abaixo. Funciona por meio da portaria de nº 546/93 MG/ 18. 0683 p. 09 col.1.

A instituição foi construída pela Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Rio Abaixo na gestão do Sr. José Felisberto da Fonseca, no terreno doado pelo Sr. José Lemos Dias em 1992, pai de uma das cantineiras que até hoje trabalha na escola. A finalidade era atender aos alunos da Educação Infantil ao 5º ano de escolaridade da localidade. Contudo, a instituição iniciou suas atividades somente em 1993.

Atualmente, a instituição atende a 54 (cinquenta e quatro) crianças da própria localidade e comunidades das redondezas, tais como a localidade de Pedras, a Fazenda Batista, a Bamba, o Morro das Almas.

O funcionamento ocorre em dois turnos, sendo: matutino de 07h às 11h20min e o vespertino de 12h30min às 16h50min. A instituição conta com um corpo funcional composto por 6 (seis) professores regentes, 3 (três) cantineiras, 2 (dois) professores de apoio pedagógico, 1 (um) coordenador pedagógico, 1 (um) professor de Educação Física, 1 (um) professor de informática, 1 (um) professor de música.

Todos os professores que atuam na escola possuem formação superior (graduação e pós-graduação) com as seguintes habilitações: 3 (três) professores graduados em Normal Superior, 3 (três) em Pedagogia, 1 (um) professor formado em Educação Física.

Com a atuação da mineradora Vale S.A. na Mina de Brucutu, que teve seu início em 2006, foi estabelecida uma parceria entre a empresa e o município na área da educação, em que se investiu na formação continuada dos profissionais.

O objetivo dessa parceria é a colaboração para com o desenvolvimento territorial das comunidades onde a Vale S.A. se faz presente, por meio de melhoria na aprendizagem das crianças da rede municipal de educação.

Com vistas a ampliar o atendimento da Escola Municipal de Jurubeba, existe uma perspectiva de construção de uma nova escola de tempo integral, no terreno onde hoje funciona a Escola Municipal de Vargem Alegre.

O prédio atual possui 3 (três) salas de aula, 1 (uma) sala que abriga a biblioteca e os computadores (no total de 5 máquinas), 1 (uma) cozinha, 1 (uma) dispensa, 2 (dois) banheiros, 1 (um) pátio coberto, 1 (uma) quadra de esportes que também atende à comunidade.

## **2.2 O Ensino da Arte na Instituição**

Desde 2008, a rede educacional do município de São Gonçalo do Rio Abaixo investe na formação dos docentes e coordenadores pedagógicos para o ministério de conteúdos relacionados à Arte. Isso ocorre por meio de oficinas, práticas pedagógicas e estudos de teorias inovadoras com profissionais de uma consultoria da cidade de São Paulo/SP.

Cabe aos coordenadores pedagógicos de cada escola o auxílio e orientação ao docente no planejamento das aulas. Anteriormente ao ministério da formação continuada, as aulas eram pautadas em situações tradicionais, totalmente conduzidas pelos professores ou descontextualizadas, através de desenhos e

pinturas livres ou reproduzidas em série, ilustrações de datas comemorativas, modelagem sem objetivo ou temática, dentre outras práticas, que não consideravam o processo criativo das crianças e não valorizavam seu fazer artístico.

Os momentos dispensados ao ensino da Arte também não eram privilegiados, ou seja, geralmente aconteciam nos últimos horários da rotina, quando os outros conteúdos já haviam sido estudados.

A partir das reflexões que a formação proporcionou aos professores, foi adquirida a consciência do papel da arte na formação humana e acadêmica das crianças. Por meio da Arte, o sujeito se expressa, se identifica, critica, opina e ganha representatividade social.

Esse conceito tornou-se o norte ao trabalho atualmente desenvolvido, já que as propostas que estão sendo realizadas na escola, visam que o aluno participe de todo o processo de criação, desde o conhecimento da linguagem, a proposta de trabalho, os materiais que terão que utilizar e sua organização no ambiente até o espaço em que será desenvolvida a atividade.

Age-se em conformidade ao objetivo de dispensar ao aluno o conhecimento global do fazer artístico, e não somente focar no produto final da linguagem vivenciada, já que a formação artística completa é importante para as crianças. Esses aprendizados são levados à outras disciplinas em forma de autoconfiança, criticidade e criatividade.

O trabalho é organizado em duas modalidades: atividades habituais, que são aquelas realizadas dentro da rotina da sala de aula e sequências de atividades. Nas atividades concretas, trabalha-se uma atividade vinculada à outra, construindo assim um conhecimento mais profundo sobre a linguagem abordada com as crianças. Essas duas modalidades contemplam as quatro linguagens: pintura, desenho, modelagem, recorte e colagem.

Em relação ao desenho, são planejadas situações nas quais as crianças realizam o desenho de observação, de memória e de imaginação; levando-se sempre em consideração as etapas de evolução do desenho das crianças.

Nas propostas de desenho de observação as crianças desenharam tendo como objeto, a paisagem ou a figura humana como observável, de maneira real ou por meio de gravuras, fotografias ou imagens de computador.

No 3º ano, objeto desta pesquisa, as crianças saem a campo para observar a paisagem, o entorno, as construções e desenhar no local, procurando garantir detalhes, cores, posições, pois o conteúdo de Geografia e História proporciona essas atividades. Essa modalidade de desenho auxilia o aluno que ainda tem dificuldade de registrar por meio do desenho.

Ainda na turma observada, quando a proposta é a memorização, procura-se resgatar a memória visual das crianças. Registram-se situações vivenciadas por elas: uma brincadeira que fizeram no pátio, o registro de um jogo, um passeio que realizaram. Essas atividades são sempre contextualizadas para dar significado aos seus registros.

Os desenhos de imaginação desta turma são propostos também de forma contextualizada. A professora lê um trecho de história e os alunos criam o cenário e o personagem, e ou objetos a partir dessas leituras ou de descrições feitas pela docente.

Essas três situações de desenho foram trabalhadas pela turma do 3º ano observada, como atividades habituais dentro de uma sequência de atividades, em consonância a um objetivo pretendido à aprendizagem das crianças.

As produções das crianças ganham espaço e visibilidade na escola, tanto dentro das salas quanto fora delas, pelos pátios e corredores. Acredita-se que quando se expõe o trabalho de uma turma, valorizam-se seus fazeres e contribuí-se para o repertório das demais turmas. Dessa forma as experiências são trocadas entre os alunos e

entre os professores, que acabam se identificando, ampliando ou modificando alguma proposta e levando para a própria turma.

### **2.3 Práticas do Docente no 3º Ano de Escolaridade**

As propostas de desenhos realizados na escola Municipal de Jurubeba têm como foco o desenvolvimento desenhista da criança, atentando-se ao planejamento das aulas que comungam à alternância de propostas, as quais contribuem na expansão de repertório do aluno por dar espaço na contribuição de seu desenho quando o mesmo é compartilhado com a comunidade escolar.

Ao iniciar o ensino de arte, em especial da linguagem do desenho na sala de aula, no ano de 2008, na Escola Municipal de Jurubeba, pode-se surpreender pelo planejamento das propostas serem diferentes das aulas que tive quando criança, voltadas apenas para o desenho livre.

Se fazendo uma análise das aulas de artes que a autora desta pesquisa participou em tempos atrás, em comparação as aulas ministradas na turma observada, pode-se vislumbrar a diferença entre os valores oferecidos à disciplina e a formação do docente polivalente em Artes.

Viu-se que as atividades propostas pela docente ministrante das aulas na turma observada, são desenvolvidas a partir de um planejamento de duas modalidades de ensino: sequência de atividades ou atividades habituais.

Este planejamento proporciona aos alunos o desenvolvimento de suas habilidades, pelo fato de realizarem desenhos de memória, observação e imaginação; e a investigação de diversas maneiras de ocupar o espaço no suporte, levando-se em consideração sua faixa etária e a evolução dos desenhos.

Os desenhos feitos pelas crianças, posteriormente, são compartilhados com todo o grupo, onde os mesmos relatam como chegaram à produção final e as dificuldades ou soluções encontradas durante a atividade.

Verificou-se que esse momento de apreciação das produções dos colegas e das próprias crianças é considerado pelos professores como uma rica troca de experiências para que as crianças ampliem seus repertórios gráficos.

Na socialização, são proporcionadas ao aluno algumas experiências como o uso de materiais variados (giz pastel, carvão, computador, pincel e tinta, lápis de cor), soluções gráficas, ocupação do suporte, escolha de cores. Dentre outros aspectos.

Nessa socialização, observou-se que a docente atua como mediadora, e ainda incentiva ao aluno a desenhar mais e a enfrentar as dificuldades. Percebe-se que nesse *feedback*, acontecem descobertas que levam a criança a valorizar, a dedicar e a aplicar o desenho com maior habilidade e refinamento do ponto de vista estético.

Ao se oportunizar a criança observar e refletir sobre os próprios desenhos, dos colegas, assim como de outras pessoas que desenharam, colabora-se ao desenvolvimento artístico e cultural de cada aluno.

Ao se propiciar aos alunos a observação dos desenhos de diversos momentos da História, também é uma maneira da criança notar as transformações que o desenho teve com o tempo em virtude da época e o estilo.

Analisou-se ainda que todas as atividades realizadas em torno do ensino do desenho há todo um desenvolvimento a ser seguido: a proposta é apresentada a criança, os materiais e o espaço. Sendo que os dois últimos, muitas vezes são organizados junto com as mesmas, com o objetivo de aproximá-las dos afazeres do artista.

Em um projeto desenvolvido pela autora desta investigação científica no ano de 2012, com o tema 'As paisagens onde vivo', pode-se oportunizar as crianças a vivência e a reflexão acerca da linguagem do desenho e dos desenhos de paisagens ao longo da história do seu município.

As atividades desenvolvidas levaram as crianças a pensar no fazer desenhista enquanto arte, e a compreender as mudanças culturais na vida social, contemporânea e histórica.

As atividades habituais de desenho, ou seja, modalidade de ensino em que as aulas são garantidas periodicamente na rotina das crianças, apresenta propostas que colaboram para o desenvolvimento artístico e estético (leitura, fazer, escolha de temas, técnicas e materiais).

Estas atividades são orientadas para que se busque a formação cultivada e participativa do aluno na sociedade. Possibilitando o desenvolvimento da criação cultivada valorizando as produções das crianças em diversos contextos: projetos multidisciplinares e ilustrações dos mesmos, mostras, trabalhos escolares, etc.

O fazer criador desenhista é cultivado, ou seja, alimentado por padrões que agreguem propostas orientadas em desenho. O papel do docente, neste momento se pauta pelo acompanhamento, observação e integração com os alunos nas produções.

Viu-se que é preciso dialogar com a criança nos momentos de dificuldades para seleção de materiais a ser utilizados, de intervir diante das dúvidas enquanto o aluno desenha, propiciar trocas de experiências entre eles e considerar o desenho do ponto de vista da arte da criança, com suas possibilidades até o momento em que foi produzido, ou seja, considerar as habilidades das crianças e buscar estratégias para que avancem em seus registros gráficos.

## **CAPÍTULO 3 O ENSINO DO DESENHO NA ESCOLA**

Neste capítulo foi evidenciado o que a escola deve ensinar dessa linguagem, o desenho, de que forma está sendo abordada e como incentivar professores e alunos a trabalhar na sala de aula de forma contextualizada e significativa, levando em consideração a formação de professores e o contexto sociocultural das crianças.

### **3.1 O desenho como objeto de ensino**

A criança acerca de seus gestos que se repetem no seu dia-a-dia, repetindo-os muitas vezes está em atitude de pesquisa, num desejo de experimentar. A medida que essas experimentações se estruturam, ela faz descobertas, percebendo de que tudo que está no mundo tem uma representação simbólica.

A criança vai construindo seus símbolos, e quando interrogada sabe descrever perfeitamente o que quis desenhar experimentando movimentos e materiais sem medo. Age concentradamente, utilizando símbolos de modo que o professor reconhece o autor pelo desenho.

Dos rabiscos que ela vai traçando, vão surgindo pequenos círculos que se completam com outras linhas. Progressivamente os rabiscos são transformados em figuras, sóis, peixes, bolas, que constituem símbolos. Agora, neste momento conceitual, para a criança, desenhar significa produzir uma série de coisas que ela enumera como objetos desenháveis. Tais coisas, no início, são desenhadas separadamente na superfície, desarticuladas entre si, justapostas. (IAVELBERG, 2007, p. 66).

Todas essas representações que a criança constrói, através de traços que vai dando formas precisam ser trabalhadas continuamente com ela nos momentos de artes, o que vai dando-lhe a possibilidade de inventar, de propor novas relações, de criar com autonomia, elaborando soluções criativas, buscando lógica e coerência nos seus propósitos. Caso contrário, a criança será apenas uma imitadora de modelos e soluções já prontas.

O gosto pela regra e pela organização leva o aluno a sempre achar que não sabe desenhar, atrapalhando assim a sua intenção estética, porque já importa mais em saber se as pessoas gostaram da sua obra. À medida que desenvolve sua



autocrítica frente aos seus desenhos, se insatisfeito ao resultado, abandona a sua produção ou simplesmente a amassa e joga no lixo.

Assim, o desenvolvimento em desenho na escola e em outros espaços educativos na contemporaneidade pode ser favorecido por situações que propiciem a aprendizagem. Portanto devem-se propor atividades com desenho de imaginação, memória e de observação, desenhar com frequência; propiciar o desenho de observação de artistas, de outros colegas.

O desenho de observação é uma proposta realizada para ampliar o repertório gráfico, desenvolver habilidades e aprimorar o percurso criador do aluno ao propor suas poéticas.

O desenho de imaginação vai de encontro com a proposta de exercitar o aluno como desenhista e como criador de imagens, devendo ser escolhido um tema através de sugestões pelos alunos ou professores, para ser desenhado com clareza nos objetivos das propostas.

A situação de desenho de memória propõe ativar os recursos desenhistas e a memória visual. Outra estratégia de memória visual é a criança observar longamente um objeto ou imagem e depois retirá-lo para ser desenhado. O incentivo a leitura de imagens desenhadas e as reflexões sobre os desenhos permitem também que as crianças possam falar o que as imagens transmitem.

Oportunizar a criança a desenhar com frequência, contribui no seu progresso ao realizar tentativas e nisso ela melhora o seu fazer desenhista, sentindo-se incentivada a enfrentar dificuldades ao invés de desistir perante os primeiros obstáculos.

A frequência também aperfeiçoa a destreza e a flexibilidade e oportuniza a criança a desenvolver suas potencialidades e ir construindo seus próprios esquemas para desenhar. Algumas experiências devem ser propiciadas a partir de materiais variados em superfícies variadas como,

desenhar na pedra, na madeira, no papel, na areia, no computador, com lápis de cera, grafite, lápis de cor, pincel e tinta, com carvão, no espaço com barbantes e linhas no chão com pedras, com luz no espaço (IAVELBERG, 2008, p.74).

As experimentações proporcionadas à criança ampliam o seu horizonte desenhista desenvolvendo o percurso criador, atualmente condicionado a influência cultural, assimilando-os aos próprios esquemas desenhistas. Entretanto o momento conceitual considera a evolução do desenho da criança as possibilidades em que os professores oportunizam na escola.

É fundamental que os desenhos feitos pelas crianças sejam compartilhados de tempos em tempos com eles. Nessa socialização com todo o grupo junto, o professor oportuniza as crianças de contar, verbalizar como chegaram até o produto final e as dificuldades encontradas durante a atividade.

Nesse diálogo, o professor age como mediador, incentivando o aluno a desenhar mais, mostrando o avanço nos traços dos desenhos, a enfrentar as dificuldades e a buscar soluções nos desenhos dos colegas. Nesses momentos de apreciação acontecem descobertas que levam a criança a valorizar, a dedicar e a aplicar o desenho com mais criatividade e precisão.

Propor à criança observar colegas e artistas desenhando, amplia o seu repertório desenhista pela percepção. Assim, ela absorve conhecimentos diversos ao vivenciar o processo e o percurso feito pelo outro e perceber que se pode ter uma variedade de desenhos quantos forem os produtores que tiverem trabalhado um mesmo tema.

Propiciar a criança ler desenhos de diversos momentos da história, também é uma maneira de a criança notar as transformações que o desenho sofreu com o tempo em virtude da época e o estilo.

Arquivar os desenhos de cada aluno com data e nome é uma maneira do professor avaliar os desenhos ao longo da vida escolar e de cada semestre ou ano. Por meio dessa documentação, o aluno terá oportunidade de acompanhar as mudanças e as transformações dos desenhos que realizou e dos colegas. Para que isso aconteça,

tem que haver uma ação integrada por parte dos professores, uma vez que o mesmo professor não acompanha o aluno ao longo da sua trajetória escolar. Contudo, tal ação não é uma tarefa fácil de ser implementada.

Todas as situações realizadas na escola acerca do ensino do desenho podem ser consideradas o motor de interesse e satisfação com a área de conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento artístico e estético da criança resultando na aprendizagem pela organização dos materiais, do espaço, do planejamento, e do tempo da atividade a ser executada.

### **3.2 Motivando as crianças a desenhar na escola – boas propostas de atividades**

O desenho ao longo dos anos passou a ser tratado com critérios que permitem que o mesmo não seja visto como uma atividade mecanizada, reservando espaço para o seu desenvolvimento na escola com orientações didáticas adequadas e um universo rico em aprendizagens.

A medida que as aprendizagens acontecem, a criança vai criando uma autocrítica frente aos seus desenhos comparando o que vê ao que imagina e a sua produção. Se insatisfeito com o resultado, abandona a sua produção ou simplesmente amassa e joga no lixo. O trabalho e a busca de competência que vai movendo a criança se ajusta as possibilidades que são dadas no ensino de arte. (IAVELBERG, 2008, p.57).

A oportunidade para desenhar sistematicamente promove seu progresso na linguagem do desenho. Uma orientação adequada pode ajudar o aluno a avançar ou, ao contrário, um abandono ou uma orientação equivocada nas situações educativas de desenho, pode estagnar o processo criativo.

Considera-se que o processo desenhista orientado, estimula a criança querer praticar, interagir, a observar, a imaginar, a criar pela interação com sua própria produção e com a de seus colegas e com a produção sócio histórica de diversos tempos e contextos culturais.

No mundo atual, o indivíduo está a par de suas escolhas, podendo usar a sua imaginação para criar e transformar sua realidade por iniciativa e criatividade podendo desenvolver o fazer criador desenhista em virtude de motivações e propostas que contribuam para a evolução do seu desenho. Tais propostas considerando o contexto sociocultural das crianças, sua faixa etária e cognitiva e aptidões.

Ao propor a linguagem do desenho nas aulas de arte, o professor deve contribuir para que o fazer criador desenhista realmente seja favorecido com situações que a criança desenhe, leia o próprio trabalho, de colegas e artistas e também possibilitar a escolha de temas, técnicas e materiais.

As propostas precisam ter uma alternância com outras, o que amplia o repertório gráfico da criança, motivando-a a desenhar e a tomar decisões daquilo que quer tirar ou incluir no seu desenho, expressando seu universo individual de experiência e conhecimento e podendo posteriormente compartilhar a comunidade escolar.

Entende-se que quanto mais a criança estiver em contato com diversos contextos informativos em qualquer tipo de linguagem, mais se apropria dela. E no ensino do desenho, ela também precisa estar vivenciando tais contextos, como contatos com livros, mídias, desenhos reprodutivos, originais, artísticos, pesquisa em bibliotecas, na internet, visitas a feiras, a espaços culturais da cidade e se possível outras também.

Tais experiências e atividades são importantes por levar o aluno a relacioná-las com a sua própria experiência de vida e criação em desenho. Desse modo ela vai associar o contato visual de desenhos vistos ao seu percurso criador combinando suas tentativas com imagens vistas em desenhos, de outros colegas, artistas, povos e culturas diferentes ao longo da história.

Cada momento conceitual do desenho requer orientações didáticas próprias, e na fase do desenho de apropriação, esta deve ser tratada com cautela pra não gerar bloqueio na prática desenhista, devendo a criança ser estimulada, efetivando e ampliando assim, o seu percurso criador.

Assim, como em outras disciplinas, para trabalhar com artes e o ensino do desenho na sala de aula, faz-se vital a formação de professores pela contribuição dada no processo de ensinar e aprender a desenhar. Portanto, não se deve considerar apenas a organização do espaço físico, das técnicas e dos materiais.

Compreende-se que, a formação promove bons modelos de ensino e aprendizagem acerca dos estudos grupais tanto teóricos como práticos, pela troca de experiências, pela socialização de atividades desenvolvidas em sala por outros colegas e pelas oficinas que dão suporte para o conhecimento do ensino do desenho na sala de aula.

Todos os procedimentos durante a formação colaboram para o desenvolvimento profissional, e para uma ação prática-reflexiva. Com base nisso, o professor ganha autonomia e segurança para criar propostas e orientar com mais propriedade os alunos na arte do desenho.

## CONCLUSÃO

O presente estudo abordou o uso do desenho pela Escola Municipal de Jurubeba, localizada na zona rural do município de São Gonçalo do Rio Abaixo/MG, no 3º ano de escolaridade.

Objetivou-se analisar o ensino do desenho nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, composta por 7 (sete) alunos, para que se tome conhecimento do processo de desenvolvimento do desenho da criança e como é considerado na prática atual da escola.

Pode-se refletir o papel do professor diante dessa linguagem histórica, e como ele pode propiciar um universo rico de aprendizagens em desenho aos alunos, ampliando-se o repertório gráfico e cultural das crianças a partir de situações ordenadas e contextualizadas e propostas que motivem a aprendizagem do desenho na sala de aula.

Apesar de todas as mudanças que ocorreram no ensino da arte envolvido por todo um processo histórico e político e atualmente pela LDBN (9.394/96) e pela formulação nos próprios PCN, baseados na Abordagem Triangular de Ana Mãe Barbosa apoiada em três pilares: fazer artístico, a história da arte e a leitura da obra de arte, ainda se faz necessário discutir e investigar a realidade de se fazer arte na escola, neste caso, o ensino do desenho nas séries iniciais.

No entanto, observou-se que existem muitas dificuldades, em sua maioria a de trabalhar as linguagens artísticas, devido à formação do profissional, o enfoque secundário de arte como uma disciplina, recursos e materiais, por ainda manter o uso da pedagogia tradicional.

Na instituição de ensino observada, não há professor específico que ministre a disciplina de forma exclusiva, mas os docentes foram orientados pela coordenadora bem como foram realizados planejamentos que visem às diversas modalidades de desenho, não se primando apenas no desenho livre.

O papel do professor é importante, bem como a sua formação continuada, o que permite uma reflexão sobre o ensino do desenho, a organização da prática e conseqüentemente as orientações ao desenvolvimento da arte.

O trabalho com o desenho pode ser estimulante, sem o enfoque 'pesado' de mais um conteúdo, mas como uma oportunidade de criação ao se trabalhar de forma pragmática, ou seja, de forma consciente, alcançam-se contribuições relevantes ao desenvolvimento da criança.

Ao se examinar o que se passa na dinâmica invisível e muitas vezes mal explorada desta ação criativa, pode-se mudar uma concepção de que seja apenas mais uma atividade gráfica destituída de valor educacional.

O desenho pode ainda ser estimulado no decorrer da vida acadêmica do aluno, não apenas nas séries iniciais, como também no ensino fundamental. Contudo, isso depende muito da prática docente, que deverá incluir tal atividade como forma de tornar o ensino prazeroso e facilitado ao aluno, o que possibilita melhor capacidade imaginativa e de comunicação.

Os alunos da instituição observada, inicialmente demonstraram desinteresse no que se refere ao desenho de observação, uma vez que não possuíam o entendimento de que a visualização de uma paisagem poderia se tornar um objeto de transformação da arte a ser desenvolvido pelos mesmos.

Após a capacitação dos docentes por meio dos coordenadores, foi possível elaborar um planejamento condizente a realidade dos alunos, o que tornou as aulas prazerosas e eficazes, já que o docente passou também a ser detentor de um entendimento acerca das estratégias pedagógicas por meio da utilização do desenho como instrumento/recurso de aprendizagem.

Observou-se ainda que os alunos ampliaram o repertório gráfico, já que deram mais atenção aos detalhes, passando a identificar as diferentes maneiras de realização do desenho, estimulou-se a memorização, a segurança no desenvolvimento de

atividades, além de incitar práticas de partilha de material, convivência e trabalho em grupo.

Com a sequencia do processo e execução do planejamento, os alunos puderam ampliar os conhecimentos em outras disciplinas e também entender o processo artístico do desenho.

No entanto, tiveram-se como limitações ao trabalho, em um primeiro momento a aplicação do projeto se deu apenas uma turma, ou seja, a do 3º ano, tendo-se em vista que a instituição possui apenas uma turma de cada ano de escolaridade. Após este procedimento é que ocorreu o envolvimento de toda a comunidade escolar, inclusive com a participação dos pais dos alunos por meio de exposições.



## REFERÊNCIAS

BATTISTONI FILHO, Dullio. **Pequena história da arte**. 3. ed. Campinas/SP: Papirus, 1989.

FARIA, Caroline. **História do Desenho**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/historia-do-desenho/>>. Acesso em: 23 out. 2013.

FERREIRA, Aurélio Albuquerque de Holanda. **Dicionário do Aurélio Beta**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Desenho.html>>. Acesso em: 23 out. 2013.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2013.

\_\_\_\_\_. **Desenho na educação infantil**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2013.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de interpretação**. 2.ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. In: GOUTHIER, Juliana [et. al.]. **História do Ensino da Arte no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, p. 8-20.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino de Artes**. Curitiba/PR: IESDE Brasil, 2012.

## ANEXOS - PAISAGENS E SEUS RESPECTIVOS DESENHOS



FIGURA 6: Vista do Cruzeiro com a Igreja Matriz de São Gonçalo ao fundo  
Fonte: Autor, 2012.

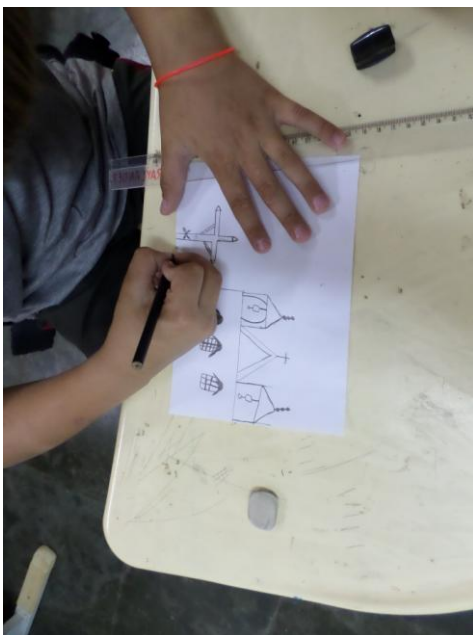




FIGURA 7: Vista da Fazenda  
Fonte: Autor, 2012.

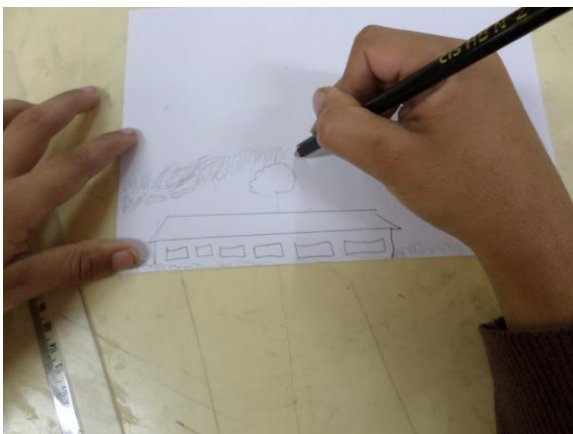




FIGURA 8: Estação Ecológica de PETI  
Fonte: Autor, 2012.

